

Emergência de juntores contrastivos na história do português: contextos, polissemia e subjetivização*

Emergence of contrastive junctions in the history of Portuguese: contexts, polysemy and subjectivization

Sanderléia Roberta Longhin**

*Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto,
São Paulo, Brasil*

Resumo: Este trabalho trata da mudança de significado no domínio dos juntores. Inserindo-me em um quadro teórico que concede à pragmática o estatuto de força motriz da mudança, focalizo o peso dos contextos para a emergência de polissemias e busco critérios para avaliar a tendência à subjetivização dos significados. Para tanto, conduzo uma investigação empírica, em perspectiva longitudinal, acerca do processo de reanálise semântica que levou *enquanto*, originalmente temporal, a expressar contraste.

Palavras-chave: Mudança semântica. Diacronia. Junção.

* Este trabalho é produto de um projeto de pesquisa, *Junção e(m) mudança*, financiado pelo CNPq, na modalidade Produtividade em Pesquisa (304854/2014-0), e pela Fapesp, na modalidade Estágio de Pesquisa no Exterior (2015/04512-1).

** Professora assistente doutora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, longhin@ibilce.unesp.br.

Abstract: This paper discusses meaning change in the domain of junctions. According to a theoretical frame which grants pragmatics a status of driving force of change, I focus on the importance of context for the emergence of polysemy and seek criteria to analyze the tendency for meaning subjectivization. Therefore, I perform an empiric analysis, from a longitudinal perspective, of the semantic reanalysis process which has led *enquanto*, originally a temporal conjunction, to express contrast.

Keywords: Semantic change. Diachrony. Junction.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho focaliza as construções com *enquanto* (*que*), conforme exemplificadas nos enunciados de (1) a (3), extraídos de amostras do português brasileiro falado¹. A comparação entre as construções evidencia que coexistem em português dois significados associados a *enquanto* (*que*): significado temporal, em (1), e significado contrastivo, em (2) e (3)²:

- (1) (...) deixo dez minutos na pressão... então ela [a polenta] fica bem cozida... aí **enquanto** ela tá cozinhando eu faço um molho com carne moída... (IBO XXI AC128)
- (2) (...) PELA priMEIra vez... na História brasileira... o MEC te::m um:: papel mais protagonista em relação à educação básica né... **enquanto que**::... até agora... praticamente... ele só... éh::... trabalhava com... o::... ensino superior... (PHPP XXI PC209)
- (3) (...) esses estudos estrangeiros no Brasil tão muito reduzidos né, primeiro porque o nosso governo nunca se preocupou com esse problema, **enquanto** isso é fundamental para o americano, isso é fundamental sobretudo para o europeu. (PHPP XXI PC80)

¹ O enunciado (1) foi extraído do *Banco de dados Iboruna: amostra do português falado na região noroeste do Estado de São Paulo* e os enunciados (2) e (3), do *A língua portuguesa falada em São Paulo: amostra da variedade culta do século XXI*.

² Neste trabalho, utilizo ‘construção’ para referência à estrutura oracional binária que o juntor *enquanto* ajuda a constituir: X, *enquanto* Y ou *Enquanto* X, Y, em que X e Y são variáveis preenchidas com orações simples ou complexas.

Considerando a hipótese de uma relação de derivação entre esses significados, a questão maior deste trabalho é explicitar como as construções com *enquanto*, que veiculam significado originariamente temporal, desenvolveram significados não temporais, com forte teor procedural e argumentativo. A investigação será conduzida em perspectiva diacrônica, à luz de um quadro teórico que reserva à pragmática um papel fundamental na mudança semântica, ao conceber que novos significados codificados resultam, ao longo do tempo, da ‘semantização da pragmática’. Refiro-me à Teoria da Inferência Convidada (IITSC, daqui em diante), elaborada por Traugott e colaboradores nas últimas décadas do século vinte (Traugott, 1982, 1989, 1995), sistematizada em Traugott e Dasher (2002) e aplicada a inúmeras análises empíricas, dentre as quais Schwenter e Traugott (2000); Visconti (2003, 2004), Ramat e Mauri (2009), Gonzáles-Cruz (2007). Nessa perspectiva teórica, argumentarei que as interpretações das construções com *enquanto* em termos de contraste decorrem inicialmente de enriquecimentos pragmáticos advindos do uso de *enquanto* em contextos muito específicos, que aliam fatores de ordem morfossintática e semântica a esquemas conceituais partilhados socialmente³.

O sistema de junção contrastiva do português, ao qual se somam as construções com *enquanto* (*que*), têm um histórico de contínua remodelação. A herança latina é reconhecidamente mínima, circunscrevendo-se, nas variedades vulgares de latim, à especialização do emprego de *magis*, de advérbio comparativo de superioridade a marcador de contraste, do que resultou *mais/mas* (Maurer, 1959; Câmara, 1975). No *mais*, os juntores contrastivos (*porém, no entanto, entretanto, contudo, todavia, só que, agora, já, ao passo que*) são criações vernáculas *mais* e *menos* recentes, provenientes da reanálise de material da própria língua, via processos de mudança por *gramaticalização*, que afetam a categoria e os significados, ou via processos de mudança *semântica*, que afetam somente os significados.

³ Desse ponto de vista, ao contemplar as situações de enunciação e as representações conceituais de mundo, os significados inferenciais, os chamados enriquecimentos pragmáticos, são *cognitivos* (representações mentais) e *comunicativos* (situações de enunciação). Traugott e Dasher (2002) assumem a distinção entre *significados conceituais*, de conteúdo, que contribuem com as representações conceituais e são expressos por nomes, verbos e advérbios, e *significados procedurais*, expressos por juntores e marcadores discursivos, que fornecem aos ouvintes/leitores instruções sobre como o falante/escrevente deseja que os conteúdos sejam interpretados, dentro de um modelo mental de discurso.

A instabilidade no domínio da junção contrastiva, verificada em português e em outras línguas românicas, justifica-se, ao menos em parte, pelo potencial de subjetividade que é inerente aos juntores desse tipo. Os juntores contrastivos têm uma natureza singular, são *argumentativos* por excelência, sendo decisivos para sinalização da atitude subjetiva, expressiva, dos usuários da língua. Esse valor subjetivo os torna suscetíveis a constantes variações e renovações no tempo (Meillet, 1912; Ramat e Mauri, 2011) e especialmente interessantes para investigações diacrônicas, pela possibilidade de testar hipóteses acerca de tendências recentes em mudança semântica, relacionadas ao peso dos contextos, à emergência de polissemias e à crescente subjetivização.

A análise diacrônica das alterações que permitiram a reanálise da construção temporal como construção contrastiva deverá dar conta de dois aspectos: 1) as temporais com *enquanto* são subordinadas, articulam dois estados de coisa (EsCo)⁴ em uma relação cognitivo-pragmática assimétrica, fundada na dependência (Cristofaro, 2003, p. 33), o que equivale a afirmar, em se tratando de sobreposição temporal, conforme (1), que o tempo de referência de um EsCo é pré-determinado pelo tempo de referência do outro, de modo que eles se sobrepõem e tomam lugar (ao menos em parte) simultaneamente. Essa pré-determinação temporal não implica, contudo, que os EsCo estejam integrados semanticamente. No caso de (1), por exemplo, não há um vínculo semântico necessário entre *a polenta estar cozinhando na pressão* e *eu fazer o molho*. Diferentemente, na construção contrastiva, em (02), não há pré-determinação temporal entre os EsCo. Há uma distância temporal entre eles (*pela primeira vez tem papel vs até agora só trabalhava*) e ambos parecem igualmente relevantes para a interpretação contrastiva, porque se estabelece uma simetria cognitivo-pragmática entre os dois membros. Nesses termos, pensando a mudança como um processo de perdas e ganhos, o objetivo é equacionar, por um lado, em que bases a pré-determinação é neutralizada e a dependência semântica é construída e, por outro, examinar o modo de articulação, sintática e/ou pragmática, que se sustenta entre os EsCo.

2) há implicações relativas à constituição do sentido de contraste. Considero *contraste*, à maneira de Schwenter (2000), uma habilidade

⁴ Adoto “estado de coisas” (EsCo) como hiperônimo de situação, evento, processo e ação (Mauri, 2008).

linguístico-cognitiva que, fundada no sistema de expectativas, pode ser definida, mais propriamente, como uma relação de sentido que decorre da percepção de uma diferença entre entidades comparáveis em alguma dimensão. Dessa noção, a depender de condições contextuais, é possível prever uma série de nuanças de contraste, as quais encontram registro e descrição na literatura linguística (Lakoff, 1971; Ducrot, 1977; Lang, 2000; Mauri, 2008; ver Neves, 1984 e Longhin-Thomazi, 2003 para aplicação a dados do português). Os três principais tipos se referem a contraste por *oposição*, em que os predicados trazem antônimos semânticos; contraste por *refutação*, em que o conteúdo de um EsCo nega e o do outro retifica; e contraste por *quebra de expectativa*, em que os EsCo apontam para conclusões diferentes, que têm pesos argumentativos também distintos⁵. No contexto dessa ‘tipologia’ de contrastes, o objetivo é investigar o(s) tipo(s) de contraste veiculado(s) por *enquanto (que)*; avaliar a possível relação entre o tipo de contraste e os contextos instigadores da mudança; e apurar o alcance da tendência ao ganho de subjetividade.

Organizo este texto em cinco seções. Na seção 2, apresento os fundamentos teóricos para abordagem da mudança semântica e para a operacionalização da noção contraste. Na seção 3, em conformidade com os objetivos, explico as questões de pesquisa. Na seção 4, trato de aspectos metodológicos, justificando os recortes e escolhas na composição do *corpus* e detalhando os procedimentos de análise. Na seção 5, apresento a análise longitudinal, que divido em três subseções, que contemplam a etimologia, os contextos semânticos de uso de *enquanto* e os estágios de mudança. Finalizo com a retomada das questões de pesquisa nas Considerações Finais.

⁵ A oposição semântica é estudada em Lakoff (1971) a partir de casos como port. *João é rico, mas Paulo é pobre*, já os contrastes por refutação e por quebra de expectativa ganharam uma descrição fina, no campo da Semântica Argumentativa, nos vários trabalhos de Ducrot e colaboradores. Exemplos prototípicos incluem *João não é inteligente, mas espero* (refutação) e *João é inteligente, mas estuda pouco* (quebra de expectativa).

2 O QUADRO TEÓRICO

2.1 A Teoria da Inferência Convidada (IITSC)

Na história das línguas, é difícil prever em que circunstâncias uma mudança ocorrerá, porque a mudança linguística, vinculada que é à atividade linguístico-social dos usuários, é sempre uma *possibilidade*, não uma necessidade. Contudo, no terreno das possibilidades, do ponto de vista diacrônico, há inúmeras evidências, em diferentes línguas, de que, na mudança de significados, há uma direção previsível que aponta para um aumento da subjetividade. O mecanismo interno que promove esse tipo de reanálise semântica, conhecido como *subjetivização*, tem um lugar privilegiado na IITSC, teoria da mudança semântica proposta por Traugott e Dasher (2002). Segundo os autores, a subjetivização consiste em um processo semasiológico, de natureza gradiente, pelo qual, no curso do tempo, falante/escrevente desenvolve significados capazes de codificar ou expressar suas perspectivas ou atitudes a respeito do conteúdo das proposições, das posições argumentativas e do próprio evento comunicativo.

A IITSC postula que o processo de mudança é disparado quando, nas enunciações faladas ou escritas, a mobilização de conhecimentos vários (enciclopédico, *frames*, etc.) aliados ou não a fatos dos contextos situacional e linguístico convida a uma inferência adicional de significado. Esse significado inferido, que surge sempre atrelado a um contexto particular, pode ganhar em saliência na comunidade linguística, com ampliação de seus contextos de uso, a ponto de tornar-se uma *inferência generalizada*. A generalização de inferências é, no modelo da IITSC, um estágio fundamental da mudança, que ilustra o papel da frequência de uso na condução do processo. É comum que instâncias de mudança alcancem esse estágio e que permaneçam disponíveis nele por séculos, mas também é possível que uma inferência generalizada se torne parte do significado codificado, i.é, que experimente a chamada *semantização* ou *convencionalização*, em que o novo significado desprende-se de qualquer restrição contextual. Nesse estágio, dois cenários são previstos: ou a construção se torna semanticamente polissêmica, com a convivência e especialização de ambos significados fonte e novo, ou o significado fonte é perdido. Assim, na IITSC, o percurso evolutivo se sustenta em quatro estágios, com diferentes tipos de significados: parte de um significado codificado, avança

para um significado pragmaticamente inferido, segue para a generalização da inferência e culmina em um novo significado codificado.

Nessa linha de investigação, sequências de estágios de mudança são exploradas em Heine (2002) e Diewald (2002), em correlação estreita com uma tipologia de contextos. O modelo de Heine (2002) concebe os contextos *bridging*, *switch* e *convencionalização*. O contexto *bridging* é aquele em que, em acréscimo ao significado fonte, autoriza uma inferência pragmática, promovendo um estágio de ambiguidade, no qual o significado fonte ainda está em primeiro plano. O contexto *switch* é aquele incompatível com o significado fonte. Trata-se de um estágio em que o significado alvo é o único disponível, ainda que fortemente dependente do contexto. Na *convencionalização*, que se refere ao último estágio, o item ou construção absorve o significado novo, libertando-se dos suportes contextuais. É o estágio da semantização propriamente dita.

O modelo de Diewald (2002) é bastante similar ao de Heine, a diferença é que a autora considera a ambiguidade em ambos os níveis sintático e semântico. Estabelece três tipos de contextos: *untypical*, *critical* e *isolating*. O *untypical* é aquele que dá lugar a inferências pragmáticas que prefiguram significados novos, refere-se ao estágio em que ao significado fonte são aliadas novas interpretações. O contexto *critical* promove alterações morfossintáticas que convidam a interpretações alternativas, conformando-se ao estágio de ambiguidade sintático-semântica, etapa em que se prevê opacidades de forma e de significado. O contexto *isolating* se refere a contextos linguísticos compatíveis com um significado em exclusão ao outro, correspondendo ao estágio desvinculação entre os significados fonte e alvo.

Considerando os mecanismos cognitivos que reconhecidamente subjazem às mudanças de significado, a saber, os mecanismos de *metaforização* e de *metonimização* (Hopper e Traugott, 1993; Sweetser, 1991; Traugott e Dasher, 2002), e considerando também a centralidade dos processos inferenciais na proposta da IITSC, a ênfase recai nas relações associativas ou metonímicas. A *descontinuidade* dos processos de metaforização, inerentemente analógicos e paradigmáticos, que concebem projeções ou saltos discretos entre domínios conceituais rumo à crescente abstratização, é complementada pela *continuidade* dos processos metonímicos, que permitem flagrar a gradualidade na constituição dos sentidos, em função da contiguidade sintagmática das unidades linguísticas;

e, além disso, ajudam a alimentar o pressuposto de que a mudança não afeta entidades linguísticas isoladas, mas se processa sempre no âmbito de uma construção linguística, com consequências para os outros níveis de análise.

2.2 A noção de contraste

Para a análise das construções contrastivas com *enquanto*, baseio-me em parte na proposta de Lang (2000), que analisa as conexões com *but* e *aber*, respectivamente, do inglês e do alemão, em construções comumente referidas na literatura linguística como exemplares de *oposição semântica* (Lakoff, 1971), acepção contrastiva que tipicamente comporta dois pares de predicados antônimos em declarações logicamente compatíveis. O interesse em extrair da obra de Lang parâmetros relevantes para interpretação das construções com *enquanto* (*que*) decorre principalmente do fato de que ele reconhece ‘a divisão do trabalho’ entre fatores morfossintáticos, pragmáticos e esquemas discursivos de mundo. Lang questiona posições consensuais acerca do estatuto privilegiado do paralelismo estrutural nas construções de contraste. Para ele, a estrutura paralela e os antônimos lexicais constituem uma pista estrutural importante, mas não suficiente para garantir a interpretação, pois, nas construções contrastivas, há uma *suposição*, explicitamente recuperada ou inferida, que é o alvo do contraste. São dois seus postulados, conforme (Ia) e (Ib):

- (I) (a) os conectores adversativos contêm inerentemente indicadores de informação prévia disponível a partir de contexto e, devido a isso:
- (b) os conectores adversativos necessariamente envolvem algum ‘recuo’ (rastreamento ao que foi dito anteriormente) que pode ir muito além do domínio da estrutura da oração e operar sobre o nível da ‘progressão textual’ ou ‘perspectiva discursiva’. (Lang, 2000, p. 145).

Para Lang, as condições de uso dos conectores adversativos incluem a contribuição semântica e os traços sintáticos dos próprios conectores. No caso de *but/aber*, a contribuição para a combinação das orações é dupla, conforme os postulados em (II): (IIa) se refere ao postulado de

um ‘integrador comum’, categoria conceitual inerente ao mecanismo geral de coordenação e não somente à coordenação contrastiva; e (IIb), específico para as contrastivas, se refere ao postulado da ‘suposição’, cuja explicitação requer a mobilização de informações gramaticais e de informações pragmático-discursivas, de modo que a suposição é o elo entre morfossintaxe e pragmática.

- (II) (a) as proposições ligadas por *but/aber* de modo semanticamente compatível e não-inclusivo, a depender do número de paralelos estruturais entre os conjuntos, podem ser abrigadas como instâncias de um *integrador comum*, uma espécie de *frame* dentro do qual o contraste é estabelecido;
- (b) há uma indicação de que a asserção expressa pela segunda oração está em contraste com a *suposição* que pode ser lida ou inferida a partir da informação prévia. (Lang, 2000, p. 146).

À luz de (IIa-b), a manobra de contraste é, nos termos de Lang (2000), uma espécie de dispositivo de busca em que há uma *fonte* e um *alvo*. A *fonte* está na asserção expressa pela segunda oração, que dispara uma busca por um *alvo*, i.é., por uma suposição que reúna condições de contraste. Assim, a natureza das unidades é algo fundamental para o dispositivo: a fonte é de natureza assertiva, enquanto o alvo é de natureza hipotética. O dispositivo de busca é, por um lado, impulsionado pela estrutura gramatical (tipos oracionais, entoação, ordem e escopo) e, por outro, é suplementado pelo raciocínio inferencial de base pragmática. A suposição alvo do contraste pode ser inferida a partir do conteúdo da primeira oração ou a partir do contexto prévio.

3 QUESTÕES

(1) Em perspectiva semasiológica, com foco no desenvolvimento de polissemias, quais são os contextos que predisuseram a emergência do sentido de contraste de *enquanto (que)* e que relações podem ser capturadas entre esses contextos condicionadores, o significado fonte (temporal) e o significado alvo (contraste)?

(2) Qual é o estatuto do significado contrastivo associado a *enquanto (que)* no português brasileiro contemporâneo? Está semantizado ou depende ainda do aporte contextual que permitiu sua emergência e generalização?

(3) Tendo em conta a polissemia que pode existir dentro do próprio domínio de contraste, em termos dos tipos de relações semântico-pragmáticas que estão em jogo, quais são os tipos contrastivos (p.e. *oposição, refutação, quebra de expectativa*) mobilizados por *enquanto (que)* e em que medida esses tipos, por representarem instâncias de maior ou menor subjetividade, contribuem para mensurar a *subjetivização* que estaria latente às mudanças de *enquanto*?

4 DECISÕES METODOLÓGICAS

Dada a proposta de investigação diacrônica, a via metodológica longitudinal é a que norteia toda a pesquisa e é alimentada por um material de investigação que consiste em uma coletânea de textos escritos em diferentes períodos da história do português brasileiro e europeu (PB e PE, daqui em diante). Visando a obtenção de uma amostra representativa que favorecesse o reconhecimento de estágios sucessivos de mudança, a constituição do *corpus* foi subsidiada pelos critérios: temporal, textual qualitativo e textual quantitativo.

Quanto ao critério *temporal*, selecionei textos produzidos nos séculos XIII ao XXI, estabelecendo uma correspondência entre séculos e sincronias, tal como em Torres e Schwenter (2005) e Ramat e Mauri (2012). A exceção ficou restrita a dois casos, referentes ao século mais antigo e ao mais recente, XIII e XXI. Como os textos remanescentes do século XIII são escassos, tratei-os juntamente com aqueles do XIV, e como o século XXI é ainda incipiente, reuni os dados desse período com aqueles do século XX, de modo que toda a descrição foi operacionalizada em sete sincronias. O recuo a períodos pretéritos da língua levou obviamente à seleção de textos do PE, sobretudo para os séculos XIII a XVII. Já no material do século XVIII, há mescla de textos do PE e do PB e, a partir do século XIX, tomei somente textos do PB.

Quanto ao critério *qualitativo*, optei por textos representativos de diferentes tipologias textuais, distribuindo-os de forma balanceada o quanto possível para cada sincronia⁶. Os textos compreendem: cartas pessoais e administrativas, cartas de leitores e de redatores de jornais, testamentos, alvarás, ofícios religiosos e administrativos, cantigas medievais, crônicas, sermões, hagiografias, narrativas históricas, prescrição religiosa, prescrição científica, entradas lexicais, diários de navegação, peças teatrais, regimentos, discurso político, prosa literária, receitas culinárias, poemas, textos jurídicos diversos, artigo científico, relatos descritivos e relatos argumentativos de temas diversos. A decisão em favor da diversidade de tipologias resulta da preocupação em minimizar possíveis resultados enviesados por assimetrias na seleção dos tipos de textos.

Quanto ao critério *quantitativo*, considerando que o objeto de investigação se refere a construções morfossintáticas de junção, que concorrem com outras de valor similar, a pesquisa requer uma quantidade razoável de material que permita a obtenção de um número de ocorrências satisfatório para fundamentar as análises. Além disso, como o propósito de comparar pede uma distribuição equilibrada de material entre as sincronias, para minimizar resultados enviesados por assimetrias no volume de material entre os séculos, estabeleci para as sincronias uma quantidade similar de material, que apurei em termos de número de palavras, entre 500 e 600 mil palavras para cada sincronia (ver Tabela 1, a seguir).

Os textos que compõem o *corpus* foram extraídos de seis bases eletrônicas: Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>. CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. BIT – Banco Informatizado de textos do PROHPOR (Projeto de História do Português Brasileiro): www.prohpor.org/#!bit-prohpor/c8lv. CDP – *Corpus* Diacrônico do Português www.cdp.ibilce.unesp.br/corpus.php. BB – Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin www.bbm.usp.br. PHPP

⁶ À maneira de Kabatek (2005), parto do pressuposto de que a(s) tradição(ões) discursiva(s) em que o texto se insere predispõe(m) o uso de determinados elementos e construções linguísticas. O cenário ideal é aquele em que conseguimos manter uma simetria, em termos de tradições discursivas, entre os textos eleitos para cada sincronia. Mas os desafios sempre são grandes quando consideramos que, quanto mais recuamos no tempo, menor é o número de textos disponíveis, e que, além disso, as tradições discursivas se transformam ao longo do tempo, podendo até mesmo desaparecer em função do desaparecimento de práticas sociais a que estão a serviço.

- Plataforma de *Corpus* do Projeto de História do Português Paulista <http://phpp.fflch.usp.br/corpus>. A relação completa dos textos, com suas respectivas siglas de referência, é apresentada no final do texto, em anexo.

A análise diacrônica será conduzida em harmonia com o modelo teórico IITSC, que concebe a mudança semântica como um processo gradual, passível de investigação em estágios sucessivos por meio da exploração de polissemias. Segundo Traugott e Dasher (2002), a IITSC é essencialmente uma teoria da polissemia, na medida em que assume que toda mudança, em qualquer nível da gramática, envolve não propriamente um salto de 'A > B', com uma substituição abrupta de um padrão funcional por outro, mas se desenrola gradualmente, com variação de formas e de funções, em que 'A > A ~ B', possivelmente pode dar lugar a '> B'.

A polissemia de *enquanto* será, portanto, o fio condutor das descrições. Para tanto, conjugarei as abordagens qualitativa e quantitativa. Na qualitativa, tendo em conta que as polissemias têm propriedades distribucionais distintas, busco uma descrição mais fina de cada ocorrência em termos das nuances de significado, base para o reconhecimento dos padrões funcionais, aliada a uma descrição dos correlatos morfossintáticos de cada padrão, dentro de seus respectivos contextos de uso. Assim, cada ocorrência será classificada com base em critérios semânticos, sintáticos e informacionais que julgo relevantes para o exame das trajetórias diacrônicas e/ou que já tiveram sua relevância comprovada na literatura especializada. À maneira de Mauri e Ramat (2012), adoto o parâmetro semântico como o mais geral e o desdobro em três valores: (i) compatibilidade com o significado fonte; (ii) dupla compatibilidade com os significados fonte e alvo; e, (iii) incompatibilidade com o significado fonte (compatibilidade somente com alvo). A análise longitudinal entre os padrões funcionais descritos qualitativamente será conduzida em paralelo com as propostas de tipologia de contextos de Traugott e Dasher (2002), Heine (2002) e Diewald (2002), que recuperam estágios sucessivos de desenvolvimento. O propósito é o de flagrar traços recorrentes no desenvolvimento da função contrastiva de *enquanto* (*que*) que caracterizariam os diferentes estágios graduais de evolução.

A abordagem quantitativa consistirá no monitoramento das frequências absoluta e percentual de cada padrão funcional de *enquanto*. A frequência será tomada como uma ferramenta importante não só para a apreensão do gatilho da mudança, mas também de pistas acerca

da propagação da mudança, nos casos em que é possível evidenciar generalizações e/ou convencionalizações ao longo do tempo, conforme postulado na IITSC. Nessa via interpretativa, aproximo-me também de Bybee (2003), que defende os efeitos da frequência de uso sobre a representação cognitiva que os usuários têm da língua e sobre as próprias construções linguísticas, no sentido de que a associação frequente de um significado a um contexto particular pode se generalizar para todas as ocorrências, a ponto de a expressão linguística ‘absorver’ para si o significado que antes era sugerido por traços daquele contexto específico.

Os textos do *corpus* estão em três formatos digitais, com as extensões DOC, TXT e PDF. As ocorrências foram mapeadas por meio de ferramentas eletrônicas de busca, a partir do fornecimento das instruções que visavam a capturar todas variações gráficas de *enquanto*: *quanto* ~ *en quanto* ~ *em quanto* ~ *enquanto* ~ *emquanto* ~ *en qãto* ~ *en quãto* ~ *en qu(ã)to* ~ *en q(u)ãto* ~ *enq(uã)to* ~ *en q(u)anto* ~ *en quamto*. O mapeamento das construções com *enquanto* no *corpus* resultou em um total de 804 dados de *enquanto* (*que*). A Tabela 1 abaixo reúne o número total de palavras considerado por sincronia e o total de ocorrências de *enquanto* (*que*) identificado para cada sincronia.

Tabela 1 – Número de palavras por sincronia e número de ocorrências de *enquanto* (*que*)

Século	XIII/XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
Quantidade Palavras	597.553	601.655	600.984	561.120	532.080	595.899	580.080
Ocorrências de <i>enquanto</i> (<i>que</i>)	63	98	106	143	118	125	151

5 ANÁLISE DIACRÔNICA

5.1 Etimologia e polissemia temporal

A origem de *enquanto* remete à fonte latina *quantus*, *a*, *um*, que funcionava como pronome interrogativo e como pronome indefinido, categorias que, em várias línguas, mostram similaridades funcionais e relações históricas de derivação (Bertocchi et. al. 2010). Fontes do

português arcaico evidenciam a herança pronominal: quanto é pronome quantificador indefinido (p.e., *quantos virem esta carta*) e *enquanto* é um misto de pronome interrogativo e quantificador (p.e., *em quantos dias o fizeste?*). A quantificação indefinida de *quanto* se aplicava a pessoas, a bens materiais e serviços, a atividades, à existência, a argumentos⁷. Ao longo da trajetória evolutiva, a referência de *quanto* a uma quantidade indefinida parece ter se especializado, dentre outras vias evolutivas, na expressão de uma *quantidade indefinida de tempo*. O processo teria sido favorecido por fatores contextuais, tais como a articulação de *quanto* com a preposição *em* que, já em seus usos antigos, introduzia circunstâncias de tempo⁸; e também pela articulação de *quanto* com verbos cuja semântica era compatível com alguma medida temporal, conforme (4) e (5), em que a imprecisão ou indefinição repousam do domínio temporal. Por essa via interpretativa, é possível hipotetizar que, nas alterações de significado de *quanto*, a ‘quantidade indeterminada’ parece ter sido reanalisada e especializada como ‘quantidade indeterminada de tempo’, conforme (4), que, por sua vez, foi reanalisada como ‘quantidade que perdura no tempo’, i.é., duração temporal, conforme (5). A contiguidade com a preposição *em* juntamente com o avanço em direção ao sentido temporal foram acompanhados pela descategorização morfológica de *quanto*, que para a constituição de *enquanto* perdeu as oposições flexionais de gênero e de número.

- (4) E fio de Deus que pelas sas orações nós dous compriremos quanto todos tres havíamos de fazer **em tanto tempo quanto** o compríamos se o outro hi andasse conosco. (14FLOS)
- (5) O Rey dela, que avia nome Abimelec, mandou tomar Sarra, porque era fremosa, mas ele caiu em grande enfermidade per voõtade de nostro Senhor, por tal que a non tangesse, e çarrou Deus os ventres de todas as molheres de casa d’Abimelec, em guisa que non concebia nemhũa **em quanto** hi esteve Sara.

⁷ Tal como nos exemplos: E os taballios seyã tantos **quantos** el rey uir por ben ou *que* á mester (13FR); Se alguo ome disser falso testimõyo *contra* outro e for achado en falsidade, peytelhy todo **quanto** lhy fez perder *per* ela (13FR); ata que seya ben certa *de* morte de seu marido e outrosy aquel que cu ella quiser casar traballesse **quanto** poder de saber uerdade da morte ou da uida *daquel* cu cuya molher se *quer* (13FR); ata *que* razoe ambas as partes **quanto** razõaar quisere (13FR).

⁸ Por exemplo: *logo dou (e) out(or)go a uos. Costãça beetiz. en todolos dias de uossa vida* (13DN); *foi guarecer o irmão do Conde eno mes d’abril* (13CSM).

(14BMP) [O rei, que tinha nome de Abimelec, mandou tomar Sara, porque era formosa, mas ele caiu em grande enfermidade por vontade de nosso Senhor, ... e Deus secou os ventres de todas as mulheres da casa de Abimelec, de modo que nenhuma concebia enquanto ali esteve Sara]

A indefinidade da semântica lexical de *enquanto* parece resultar em uma multifuncionalidade, em que o item passa a atuar como uma espécie de marcador temporal indefinido sobre intervalos temporais. Tanto o é assim que os dados do juntor *enquanto* no material investigado, desde as ocorrências mais antigas, revelam que há mais de uma nuance temporal envolvida e essa polissemia temporal de *enquanto*, que envolve *simultaneidade*, *coextensão* e *habitualidade*, parece fundamental para a compreensão das trajetórias de mudanças de significado.

Para uma análise mais circunstanciada da polissemia temporal de *enquanto*, lanço mão da proposta de Kortmann (1997), baseada em estudo tipológico em línguas europeias, que prevê pelo menos sete diferentes funções temporais. Foi possível obter um ‘mapa das relações temporais de *enquanto*’, que abriga pelo menos quatro tipos não estanques de relações semânticas que, seguindo a terminologia de Kortmann, denomino SIOVER, SICOEX, TAQUEM e CONTING. Conforme o esquema abaixo, três desses tipos, a saber, SIOVER, SICOEX e TAQUEM, se prestam à localização temporal, especificamente uma localização não sequencial, sendo que somente os dois últimos, SICOEX e TAQUEM, o fazem com coextensividade. O quarto tipo, CONTING, diferentemente dos demais, é atemporal, mostra uma temporalidade indefinida. No que segue, defino e exemplifico cada tipo:

	Localização Temporal	Extensão Temporal
SIOVER	+	-
SICOEX	+	+
TAQUEM	+	+
CONTING	-	-

SIOVER: *p se sobrepõe a q*. Os eventos da oração principal e da oração temporal se sobrepõem ao menos parcialmente. Nesse caso, em que há simultaneidade no tempo, mas não há coextensividade, *enquanto* pode ser parafraseado por *durante o tempo em que*.

- (6) E, **en quanto** se deleitava en aquele mel, rroeram os ratos as rayzes da aruor (15OE, 32) [*E, enquanto se deleitava naquele mel, os ratos roeram as raízes da árvore*]
- (7) **Em quanto** Noe preparava os animais, que avia de sacrificar, sua molher, & noras juntavão as cousas necessarias (16DML, 61) [**Enquanto** *Noé preparava os animais, que havia de sacrificar, sua mulher e noras juntavam as coisas necessárias*]

SICOEX: *p abre um intervalo temporal dentro do qual q é verdadeiro*. A diferença com respeito à SIOVER é que na relação de SICOEX há coextensividade temporal entre os eventos codificados simultaneamente pelas orações. Nesse caso, *enquanto* pode ser parafraseado por *durante o tempo em que/porque*.

- (8) **enquanto** eles estiverom com el rei e o conselharom, passou o reino bem. (14NL, 11) [**enquanto/porque** *eles estiveram com elRei e o aconselharam, o reino passou bem*]
- (9) **Enquanto** houve que dar durou o amor, voou a fazenda, voou ele juntamente (15TSM, 7) [**enquanto/ porque** *teve que dar, o amor durou, voou a fazenda, ele voou juntamente*]

TAQUEM: *p identifica um limite no tempo futuro (relativo) para o qual q é verdadeiro*. Assim como SICOEX, TAQUEM mostra as funções de localização e de extensão temporal, a diferença está no fato de que TAQUEM especifica um limite direto para a oração principal, i.é, identifica o ponto final do intervalo de tempo em que SICOEX é verdadeira. Há,

portanto, uma conexão semântica estreita entre as duas funções, já que TAQUEM implica a negação de SICOEX⁹. Nesse caso, *enquanto* pode ser parafraseado por *até que*.

- (10) **em quanto** o Comde Joham Fernandez fosse vivo, nom avia de cessar do afazimento que com ell avia (15CDJ, 22) [**enquanto/até que** *o Conde fosse vivo, não cessaria o sofrimento que com ele tinba*]
- (11) Isto sei que posso fazer sem escrúpulo e com bom conselho dos Santos; não farei outra cousa **enquanto** tiver o juízo inteiro. (16VFB, 99) [*não farei outra coisa enquanto/até que tiver juízo*]

CONTING: *nos casos em que p, q; sempre que p, q*. CONTIG se refere a situações de pluralidade indefinida (generalização, iteração, habitualidade). Com frequência combinam uma quantificação indefinida com condicionalidade. Nesse caso, *enquanto* pode ser parafraseado por *sempre que*.

- (12) E, quando estes planetas entram en estes signos, se o signo he quente e o planeta he quente, assi como o Sol en Leo, e, porque o Sol he quente, dizen-lhe que he sua casa e entom faz elle, **enquanto** está em aquelle signo, todallas cousas e tempos seerem quentes (14LM, 20) [**enquanto** *está naquele signo, todas as coisas e tempos serem quentes*]
- (13) E, quando o caçador lhe quer tomar os filhos, uay ao lugar hu os ella tem, **em quanto** ella hy nõ esta, e tomaos e leuaos ĩcima de hũu caualo muy ligeyro. (15OE, 38) [*quando o caçador lhe quer tomar os filhos vai ao lugar onde ela os teve, enquanto* *ela ali não está, toma-os e leva-os em cima de um cavalo muito ligeiro*]

⁹ Dada essa conexão semântica, a derivação de uma função para outra – trânsito SICOEX <<=>> TAQUEM - é um fenômeno muito comum, como argumentam Kortmann (1997) e Heberlein (2011). Para subordinadores TAQUEM, Kortmann (1997, p. 181) mostra SICOEX como segunda função semântica em 67% dos casos, em oposição a 51% de todos os outros casos. Além disso, para ambas as funções semânticas há extensões: (i) de SICOEX para relação condicional, em que a coextensão da oração principal com a oração subordinada é elevada à condição sob a qual o conteúdo da principal se sustenta; (ii) de TAQUEM para relação de finalidade, em que a situação que marca o limite direto da oração principal é interpretada como a situação cuja realização é pretendida. Enquanto a primeira extensão é bastante atestada entre as línguas (Kortmann 1997, p. 190, p.e. Ing. *as long as*, Esp. *siempre que*), o desenvolvimento de TAQUEM em orações finais é raro.

Da polissemia temporal constatada para *enquanto*, SIOVER, i.é, simultaneidade temporal com sobreposição, é que está relacionada ao enriquecimento contrastivo; os outros três tipos temporais alimentam enriquecimentos pragmáticos em termos de condição, mais uma via evolutiva de *enquanto*, que tratarei em outro trabalho. Embora a rede polissêmica de *enquanto* comporte também CONTING, tipo temporal que tem relação histórica de derivação com juntores contrastivos, no caso de *enquanto (que)* os dados apontam o peso absoluto da simultaneidade para constituição de contraste, que é aliás um canal de derivação já atestado na mudança de juntores, em português e em outras línguas como, por exemplo, *while*, do Inglês; *mentre*, do Italiano; *alors que* e *cependant*, do Francês; *mentre que*, do Catalão; *no entanto*, do PB (para discussão em diferentes línguas, Kortmann, 1997; González-Cruz, 2007; Mauri e Ramat, 2012; Cuenca, 1992; Longhin e Pezatti, 2008).

5.2 Os três contextos semânticos

Como sinalizei anteriormente, o fio condutor da análise está no exame dos contextos em que há (in)compatibilidade com os significados fonte e alvo. Utilizo a nomenclatura *Fonte* para os contextos em que *enquanto* é compatível apenas com o significado fonte temporal; *Dupla TC* para os contextos de dupla compatibilidade entre tempo e contraste; e *Alvo* para os contextos compatíveis somente com o significado alvo contrastivo, em exclusão ao significado temporal. O Gráfico 1 e a Tabela 2 abaixo mostram as frequências dos três padrões semânticos, em perspectiva longitudinal. Os números absolutos da Tabela 2 diferem daqueles da Tabela 1, pois se referem aos dados já recortados, com exclusão de ocorrências temporais do tipo SICOEX, TAQUEM e CONTING, que habilitam leituras condicionais e não serão abordados aqui.

As frequências sugerem que os contextos compatíveis apenas com o significado fonte aparecem em todas as sincronias. Os primeiros contextos de dupla compatibilidade entre tempo e contraste (Dupla TC) surgem primeiramente nos dados do século XV, com frequência baixa, e essa situação se mantém até o século XVII. A partir do século XVIII, as frequências começam a se inverter, como indicam as direções contrárias das linhas do Gráfico 1: ascendente para Dupla TC e descendente para Fonte. Os contextos de Dupla TC têm um pico no século XIX e, a partir

daí, passam a conviver também, de forma crescente, com contextos compatíveis somente com o Alvo. Verifica-se, assim, no português contemporâneo, uma situação de *layering* em que os valores Fonte, Dupla TC e Alvo convivem nas construções com *enquanto*. Nas subseções que seguem análise separadamente cada um dos três valores.

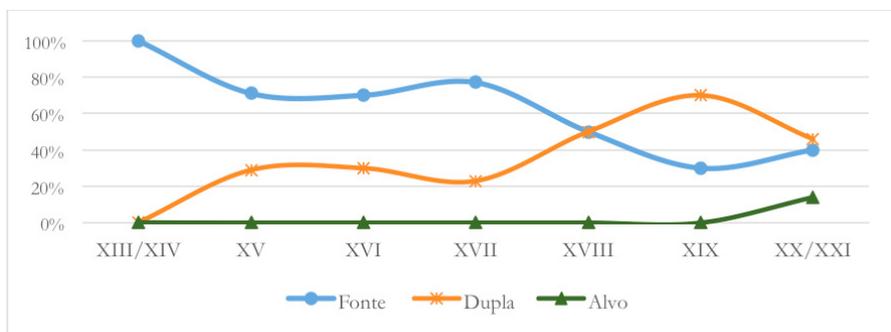


Gráfico 1 – Freqüência percentual dos contextos semânticos de *enquanto* (*que*) em perspectiva longitudinal

Tabela 2 – Freqüência absoluta e percentual dos contextos semânticos de *enquanto* (*que*) em perspectiva longitudinal

	XIII/XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
Fonte	17 (100%)	17 (71%)	12 (70%)	37 (77%)	8 (50%)	14 (30%)	45 (40%)
Dupla TC	0	7 (29%)	5 (30%)	11 (23%)	8 (50%)	32 (70%)	51 (46%)
Alvo	0	0	0	0	0	0	16 (14%)

5.2.1 Contextos compatíveis somente com significado fonte

A relação de simultaneidade temporal (SIOVER) que prevalece nos contextos em que *enquanto* é incompatível com leituras de contraste é exemplificada em (14). Nessa acepção, o EsCo encabeçado por *enquanto* abre um intervalo de tempo (*durante o tempo em que eu jazia esmorecido*) dentro do qual o segundo EsCo deve ocorrer pelo menos em parte (*veio uma voz sobre mim*), de modo que o tempo de referência de um EsCo é pré-determinado com relação ao outro. Nessa relação, os EsCo têm estatuto funcional diferente: um é central e o outro, acessório. Essa relação assimétrica é característica da hipotaxe adverbial (Halliday, 1985; Neves, 2006; Neves e Braga, 2008) ou subordinação (Cristofaro, 2003).

- (14) Entam caeu ù corisco do céu e matou quantos cavaleiros comigo andavam; e eu fiquei esmorecido, mas outro mal me nom fez niũ, e jouve assi ataa manhã grande.

Enquanto eu assi jazia esmorido, veo ùa voz sobre mim que me disse: (14DSG, 30) [*Então caiu um corisco do céu e matou quatro cavaleiros que andavam comigo, e eu fiquei esmorecido (...)* **Enquanto** eu jazia assim esmorecido, veio uma voz sobre mim]

Os contextos compatíveis apenas com o significado fonte temporal apresentam as seguintes características morfossintáticas: i) *enquanto* aparece categoricamente em posição inicial fixa na sentença em que encabeça; ii) a ordem não-marcada na construção complexa é a anteposição da sentença-*enquanto*, cf. (14); (iii) as construções complexas com *enquanto* aparecem tipicamente inseridas no segundo membro de uma coordenação com *e*, cf. (15), ou iniciam um período ou parágrafo, cf. (14); (iv) a construção se realiza sempre no modo indicativo, muito frequentemente com tempos do pretérito, como em (14) e (15).

- (15) E elle se foy aa porta e sayusse do curral. E, **en quanto** el estava en esto, prenderõ os mouros as gentes do iffante. [*E foi até a porta e saiu do curral. E, enquanto ele estava nisto, prenderam os mouros*] (14CA, 38)

Do ponto de vista informacional, o EsCo introduzido por *enquanto* veicula informação partilhada, reintroduzindo referentes mencionados, ora

explicitamente, ora por meio de anafóricos encapsuladores que recuperam porções de informação, tal como fazem *assi* e *nisto*, em (14) e (15). O caráter *partilhado* ou *pressuposto* das sentenças com *enquanto* confirma expectativas acerca do papel de “criação de molduras de referência” e, portanto, do valor de *fundo* das construções temporais (Neves, 2006, Neves e Braga, 2008¹⁰), e fornece elementos para pensar a mudança entre os domínios de *tempo* e de *contraste* como algo que afeta inerentemente o potencial informacional das unidades.

5.2.2 Contextos de dupla compatibilidade entre fonte e alvo (Dupla TC)

Os contextos de Dupla TC foram identificados a partir dos textos do século XV, conforme Gráfico 1. A análise das ocorrências sugere que a relação primária de tempo simultâneo de *enquanto* é enriquecida por meio da sinalização de uma *diferença* entre os conteúdos dos EsCo, em contextos particulares nos quais, de algum modo, esses conteúdos são cotejados. Considere, por exemplo, a ocorrência (16), em que EsCo temporalmente simultâneos são comparados e dessa comparação resulta mais o destaque das diferenças do que o das semelhanças. Está em jogo a comparação entre comportamentos pessoais, o integrador comum, nos termos da exigência (IIa), de Lang (2000), em que são cotejados aqueles que têm comportamento padrão e o indivíduo que tem comportamento peculiar. Há, portanto, dois pares que são candidatos a opostos semânticos, envolvendo indivíduos e comportamentos diferentes. Contudo, a construção não atende à exigência (IIb), visto que não há uma suposição envolvida. A marcação de diferença nesses casos, dada a sutileza, parece configurar um estágio que é ponto de partida para a reanálise do significado como contrastivo.

- (16) (...) posto que não o dezeio de comer mas a humana necessidade o trazia a isso nunca porem antes da legitima hora. E **emquanto** nos outros comiamos, elle segundo seu costume se hia sempre como escondido a Igreja por causa

¹⁰ “Aqueles [orações temporais] que aparecem antes da oração nuclear criam o *pano de fundo*, isto é, a orientação temporal para os eventos que serão referidos nas seguintes; as que aparecem pospostas *delimitam, restringem* a asserção codificada pela oração nuclear”. (Neves e Braga, 2008, p. 943) [grifo meu]

de mais livremente orar, como verdadeiro solicitario [E **enquanto** nós outros comíamos, ele segundo seu costume ia sempre comer escondido na igreja por causa de mais livremente orar] (15VST, 1)

Os contextos de Dupla TC são muito mais frequentes nos dados dos séculos XIX e XX/XXI e evidenciam a existência de construções em que, diferentemente de (16), o sentido de contraste está em primeiro plano, com alguma opacidade do sentido temporal. Nesse período, verifiquei também as primeiras ocorrências da perífrase *enquanto que*. Comparemos as ocorrências (17) e (18), ambas produzidas no século XIX, em que a relação temporal está, respectivamente, em primeiro e segundo plano. Em (17), prevalece a relação temporal, há diferenças, mas não oposição, ao passo que, em (18), o tempo é sutil e as diferenças avançam para o estabelecimento de uma oposição, particularmente entre o comportamento dos homens (*preguiçosos*) e das mulheres (*trabalhadeiras*). Contextos em que a interpretação de contraste ganha o primeiro plano equivalem ao estágio de generalização de inferências, nos termos de Traugott e Dasher (2002).

- (17) O sabiá gorgieja placidamente, a paca percorre o abahulado do monte e o escamoso tatu vaga pela margem d'esses veios de crystalinas agoas que tao mesquinhos por ahi serpejam em tempos de verão, **emquanto que** o carvoeiro entoa suas endeixas de amor e de esperança. (19REN, 32)
- (18) (...) os Onayvanesses, são pequenos, valorosos, e barrigudos, tendo os cabellos mui cumpridos; os Anaynassones, são simples e de boa altura, bem feitos, mas mui preguiçosos, passam os dias dormindo, **em quanto que** as mulheres trabalham. (19FPA, 30)

Em (18), o contexto precedente traz uma descrição avaliativa sobre os Anaynassones. Tal contexto já é contrastivo e articulado com *mas*: no primeiro membro, apresenta argumentos que apontam para uma conclusão positiva acerca dos Anaynassones (*simples, boa altura, bem feitos*) e, no segundo, introduzido por *mas*, apresenta argumentos que apontam para um conclusão desfavorável (*são preguiçosos*). A informação mais determinante, aquela que coroa o ponto de vista do escrevente, está no segundo membro e é introduzida por *mas*. No período subsequente, articulado com *enquanto que*, o escrevente acrescenta um enunciado que funciona como uma

justificativa para essa posição. Esse enunciado equaciona, dentro de um intervalo de tempo simultâneo, *homens passam o dia dormindo e mulheres trabalham*. O primeiro membro (*passam o dia dormindo*) mobiliza inferências, sobretudo considerando o já dito, e o segundo, acrescenta informação nova, que representa o argumento mais forte para a justificativa de que os Anaynassones são muito preguiçosos.

Mas *passar o dia dormindo* e *passar o dia trabalhando* não estão necessariamente em contraste no mundo. Assumo que o contraste não existe no mundo real, mas é uma criação que depende da *percepção* e *avaliação* do falante ou do escrevente sobre coisas ou eventos que podem estar em oposição no mundo (Sweetser, 1991; Lang, 2000; Mauri, 2008). Em (18), a oposição decorre de inferências que são licenciadas pelos enunciados envolvidos, pelo contexto linguístico prévio (postulados (Ia-b), de Lang, 2000), e pelo contexto pragmático (as vivências sociais), algo do tipo ‘na vida em sociedade, homens e mulheres, ou pelo menos os homens (frequentemente eleitos como mentores), precisam trabalhar e contribuir com a manutenção da família’. A oposição resulta, então, da relação entre a ‘voz social’, suposição inferida contextualmente (nos termos da exigência (IIb), de Lang, 2000), e os enunciados articulados com *enquanto que* que, por sua vez, estão em relação de simultaneidade. Nessa perspectiva, na constituição de contraste, ganha-se uma superimposição de ponto de vista (índice de polifonia, cf. Schwenter, 2000), ganham-se traços da percepção e avaliação do falante/escrevente sobre conteúdos em oposição, ganha-se em subjetividade.

Para as construções com *enquanto (que)* que, como (18), vão além da sinalização de diferenças e instauram oposições, é possível reconhecer nuances semânticas que indiciam a maior objetividade ou subjetividade da relação, tal como em Mauri e Ramat (2012). Considero que, nos contextos em que a oposição se estabelece entre propriedades objetivas (p.e. quantidades, dimensões), a oposição é do tipo *objetiva*; e nos contextos em que se instaura entre propriedades subjetivas (p.e. crenças, expectativas, avaliações), a oposição é do tipo *subjetiva*. As ocorrências (19)-(20) e (21)-(22) trazem, respectivamente, exemplares de oposição objetiva e subjetiva.

- (19) (...) emfim a artéria brachial chegando ao anti-braço divide-se em dous ramos principaes, dos quaes um situado por dentro, fôrma a artéria cubital, **em quanto que** o outro, collocado do lado externo, fôrma a artéria radial. (19FPA, 46)

- (20) Habitam sete povoações. A principal é Pinda-Una, que conta 1.500 almas, **enquanto** as outras somente 300. (20HDF, 97)
- (21) Que **em quanto** o Sr. De Humboldt elogia as fricções oleosas a pelle, outros práticos as rejeitam como perigosas, oppondo-se ao estabelecimento da transpiração, que é uma das vias que a natureza mais vezes procura para a resolução da moléstia. (19HDF, 90-91)
- (22) Os dinheirosos entendidos ou não (isso pouco importa), engolphavam-se na maravilha de um arriscado *dó* do peito, **enquanto que** o vulgacho, ávido de sensações monstruosas e situações horripilantes, tripudeava vermelho e contente vendo o traidor á pátria retirar-se do tribunal supremo para ir pernear na cruzeta da forca. (19LV, 100)

O critério que elegi para avaliação da maior ou menor saliência das relações de tempo ou de contraste, primeiro ou segundo planos, como discuti anteriormente, repousa justamente na semântica e nos contextos: *diferença*, *oposição objetiva* ou *oposição subjetiva*. Assim, quando só há o destaque de diferenças, assumo que a relação temporal está em primeiro plano, porém quando além das diferenças há oposição, quer objetiva ou subjetiva, a relação de contraste é que está em primeiro plano, em detrimento à relação de tempo. Concebendo um gradiente que segue da objetividade à subjetividade, nos moldes do que propõem Ramat e Mauri (2012) para a mudança de *mentre*, do italiano, é possível afirmar para as construções com *enquanto* que, quanto mais a oposição se fundamenta na subjetividade, mais a leitura de contraste é comunicativamente mais saliente às custas da relação temporal. As autoras argumentam:

In other words, the development of the oppositive value of *mentre* out of an original simultaneity value is an issue of emphasis on one aspect at the expenses of the other: once the whole construction is conceived in both its temporal meaning and in the antonymic differences existing between the linked states of affairs, speakers may decide which of the two aspects they perceive as central. It is often context that favors one reading over the other (Ramat e Mauri, 2012, p. 483).

Quanto à morfossintaxe, as construções de Dupla TC mostram algumas regularidades. Uma delas diz respeito ao tão frequente paralelismo estrutural cujas lacunas são preenchidas com itens lexicais de algum modo em oposição (cf. (19), em que temos *um* vs *outro*; *forma a artéria cubital* vs *forma a artéria radial*), que contribui para alimentar as leituras de contraste por oposição. Outra regularidade diz respeito à altíssima frequência da não-correferencialidade dos sujeitos das orações: 96% (101/105) para os casos de *enquanto* e 100% (9/9) para os casos de *enquanto (que)*. Esse cenário confirma expectativas, tendo em vista os paralelismos estruturais duplos, referidos anteriormente, em que uma das variáveis lacunares é justamente a posição de sujeito. Além disso, a quase absoluta frequência da não-correferencialidade de sujeitos em Dupla TC torna-se um dado relevante, da ótica da mudança, quando comparada com a frequência de sujeitos não-correferenciais no padrão Fonte, que é de 70% (106/150). Quanto à correlação modo-temporal, é possível afirmar que os contextos de Dupla TC são realizados somente com indicativo, com frequente simetria temporal envolvendo presente ou pretérito. A Tabela 3 ilustra outras tendências, ao sistematizar informações sobre ordem e tipo de relação contrastiva, nos dados referentes aos séculos XIX e XX/XXI, quando temos a generalização da oposição.

Tabela 3 – Juntor, ordem e tipo de contraste, em dados de dupla interpretação

		XIX			XX/XXI		
		Tipo de contraste			Tipo de contraste		
		<i>diferença</i>	<i>oposição objetiva</i>	<i>oposição subjativa</i>	<i>diferença</i>	<i>oposição objetiva</i>	<i>oposição subjativa</i>
<i>enquanto</i>	antep	4	4	3	3	14	6
	posp	2	9	3	9	13	4
<i>enquanto que</i>	antep	--	--	--	--	--	--
	posp	2	3	2	--	1	1
TOTAL		8	16	8	12	28	11

Os números sugerem que: (i) as ocorrências não perifrásticas de *enquanto* são muito mais frequentes, especialmente no século XX/XXI, mostram variabilidade posicional (anteposição e posposição) e instauram

predominantemente oposição objetiva; (ii) as ocorrências com perífrase *enquanto que* aparecem em número reduzido, são preferencialmente relacionadas com oposição e a posição das orações é categórica, somente a posposição da oração com *enquanto (que)*. Há, portanto, nesse quadro, um correlato sintático que mostra uma alteração relevante: a ordem das orações¹¹. Se considerarmos que na Fonte, a ordem não-marcada é aquela em que *enquanto* temporal encabeça a oração anteposta, posição compatível com seu papel de *fundo*, i.é, de oração que estabelece um cenário de referência temporal para o evento que segue (Braga e Neves, 2008); e que nas construções contrastivas do PB como, por exemplo, aquelas com *mas, porém, no entanto, contudo, entretanto* e *só que*, a oração com a qual o juntor se articula, encabeçando ou fluando nas fronteiras de constituintes, é necessariamente posposta, posição compatível com as manobras argumentativas de contraste, que reservam a segunda posição, informacionalmente mais saliente, para o argumento mais decisivo (Ducrot, 1977), então existe a expectativa de que as construções de contraste com *enquanto (que)* devem privilegiar a posposição e de que, na mudança de tempo para contraste, essa é uma alteração sintática importante.

Essa expectativa ganha força quando se pensa a ordenação como regida, pelo menos em parte, pela estrutura informacional. O estatuto informacional pressuposto da oração temporal com *enquanto*, do qual resulta uma relação pragmaticamente *assimétrica* com a oração núcleo, deve se alterar ao longo do processo, uma vez que a relação de contraste é fundada na combinação entre unidades pragmaticamente *simétricas* (Mauri, 2008). A relevância do estatuto informacional, que recebe alguma atenção neste texto, será investigada mais circunstanciadamente em trabalhos futuros.

¹¹ Gonzáles-Cruz (2007) contemplou a ordem das orações na investigação dos significados múltiplos (tempo, contraste, concessão e adição) de *while*, na história do Inglês. Ela verificou que a posição da oração-*while* era sensível ao padrão semântico, a fatores de processamento como, por exemplo, estatuto informacional das sentenças e a fatores estruturais, tais como a dimensão e a complexidade das sentenças.

5.2.3 Contextos compatíveis apenas com significado alvo (contraste)

Os contextos compatíveis com significado alvo foram verificados somente nos dados dos séculos XX/XXI (rever Gráfico 1). Trata-se de casos que são incompatíveis SIOVER. Conforme ilustram as ocorrências de (23) e (24), a simultaneidade é excluída pela indicação explícita de sequencialidade e distância temporal, evidenciadas no uso de advérbios e expressões temporais e também nos tempos verbais. Nesses casos, a chave para interpretação contrastiva está, em parte, na distância temporal, nas diferenças e consequentes oposições que se verificam.

- (23) E também a de status, tomando-se este termo tanto na acepção de posição social quanto na de situação numa hierarquia institucionalizada, como a da Igreja, ou a do Estado. Superioridades há que, importantes NO PASSADO, HOJE se desvalorizaram, como a de nascimento, **enquanto** algumas se depreciam NOS DIAS QUE CORREM: a de sexo e, talvez, a de raça. (20RFD, 26)
- (24) Fizeram menção do açúcar Plínio, Dioscórides. Galeno e Hesíquio. Os botânicos, porém, discutem se éste é o mesmo açúcar do nosso tempo. Os que sustentam que é outro dizem que o DOS ANTIGOS se cristalizava nas próprias canas, **enquanto** O NOSSO se espreme líquido e se condensa ao lume. (20HDF, 98)

Nos dados investigados, a frequência de usos perifrásticos (7/16) e não-perifrásticos compatíveis apenas com contraste é bastante similar, conforme Tabela 4 abaixo. Embora fundada em frequência reduzida, a Tabela 4 sugere essencialmente duas tendências: a posposição da oração com *enquanto (que)*, confirmando expectativas explicitadas anteriormente, e a especialização de oposições mais abstratas, com maior teor de subjetividade.

Tabela 4 – Tipo de juntor, ordem e tipo de contraste no padrão Alvo Contrastivo

		XX/XXI		
		Tipo de contraste		
		<i>diferença</i>	<i>oposição objetiva</i>	<i>oposição subjetiva</i>
<i>enquanto</i>	antep	-	1	-
	posp	-	2	6
<i>enquanto que</i>	antep	-	-	1
	posp	-	2	4
TOTAL		-	5	11

5.3 A história de *enquanto (que)*: os estágios de mudança e os contextos envolvidos

Na Tabela 5, apresento uma sistematização dos estágios de mudança, que estão associados a diferentes tipos de contextos e que trazem luz sobre o processo histórico de desenvolvimento de *enquanto (que)*:

Tabela 5 – Estágios e contextos de evolução de *enquanto (que)*

<p>Estágio I: Significado original</p>	<p>Exemplos: E dom Fernam Rodriguez foi pera la quanto pode, e travou no peom, e enquanto o matava, fugio ela pera casa (14NL) [... e enquanto o matava, ela fugiu pera casa]</p> <p>(...) enquanto diz o que segue, ensaboa a barba (18AVC, 40)</p>
<p>Descrição: <i>enquanto</i> funciona como subordinador temporal, estabelecendo relação de simultaneidade entre dois EsCo, em que o EsCo encabeçado por <i>enquanto</i> abre um intervalo de tempo dentro do qual o segundo deve ocorrer pelo menos em parte. Do ponto de vista morfossintático, as orações-<i>enquanto</i> são preferencialmente antepostas (<i>enquanto C1, C2</i>), realizam-se sempre no modo indicativo, muito frequentemente com tempos do pretérito.</p>	

<p>Estágio II: Inferência pragmática: <i>diferença</i></p>	<p>Exemplos: E em quanto fazíamos a lenha, faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paaq que se omtem pera yssso cortou (15CC)</p> <p>Enquanto este fala c'os de casa, falo eu com vós outros (15TSM)</p>
<p>Descrição: <i>enquanto</i> continua funcionando como subordinador temporal, mas por volta do século XV, surgem ocorrências que são enriquecidas pragmaticamente com uma inferência de <i>diferença</i>, que sobressai da <i>comparação</i> entre os conteúdos dos EsCo simultâneos e que prefigura o significado novo (contextos <i>bridging</i> e <i>untypical</i>). Predomina um contexto sintático em que as orações são estruturalmente paralelas, fazendo sobressair dois pares comparáveis e um integrador comum, o que favorece a inferência de diferença. A anteposição da oração-<i>enquanto</i> continua sendo a ordem mais frequente. Há uma tendência à não-correferencialidade dos sujeitos.</p>	
<p>Estágio III: Inferência pragmática: <i>oposição</i></p>	<p>Exemplos: (...) o cafeeiro exposto ao poente não produz bem (...)</p> <p>emquanto o exposto ao nascente e batido pelos raios do sol oferece grãos verdes dourados, amarelados (19BCH, 39)</p> <p>(...) Os civilistas preferem falar de presunções, enquanto que os criminalistas usam a expressão indícios (20RFD, 39)</p>
<p>Descrição: a inferência de diferença é reinterpretada e generalizada em termos de <i>oposição</i>, que é sensível a uma análise de base escalar, da menor à maior subjetividade. São usos mais tardios que só aparecem nos dados dos séculos XIX a XXI. O contexto sintático em que as orações são estruturalmente paralelas, com dois pares semânticos e um integrador comum, continuam frequentes. A ordenação das orações experimenta uma mudança considerável, com tendência forte à posposição (contexto <i>critical</i>). Ambos os estágios II e III abarcam os contextos de Dupla TC. No estágio II, todas as construções veiculam essencialmente simultaneidade temporal, mas habilitam nuances sutis de diferença. No estágio III, a situação é outra, pois coexistem diferenças e oposições e, quando há ênfase nas oposições, quer objetivas ou subjetivas, o tempo está mais opaco, portanto, é o sentido de contraste que assume o primeiro plano. A opacidade da relação temporal parece um processo gradual, em que a relação de pré-determinação temporal vai sendo enfraquecida à medida em que se ganham traços constitutivos da relação contrastiva, as nuances de oposição, e é totalmente perdida quando os EsCo passam a ocorrer em tempo sequencial e não mais simultâneo. A pré-determinação é, nesse sentido, um traço semântico fonte que é perdido ao longo do processo.</p>	

Estágio IV: Reanálise sintático- semântica	Exemplos: É ferramenta de mudança esse direito feito pelo legislador enquanto era arma de conservação (relativamente) o direito lenta e naturalmente segregado pela sociedade. (20RFD, 28)
Descrição: as construções com <i>enquanto</i> (perifrásticas e não perifrásticas) veiculam sentido de contraste, preferencialmente contraste por oposição, envolvendo graus diferentes de objetividade e subjetividade. Só aparecem nos dados do século XX/XXI. O significado de contraste é o único legítimo, sendo as construções incompatíveis (contexto <i>switch; isolante</i>) com o significado fonte de simultaneidade temporal. Não é possível afirmar que a mudança atingiu o estágio convencionalização ou semantização, porque as construções ainda têm vínculo contextual bastante estreito, especialmente no que toca à presença dos pares semânticos contrastivos. No PB contemporâneo, convivem os vários padrões funcionais de <i>enquanto (que)</i> , configurando uma situação de <i>layering</i> .	

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo os pressupostos da IITSC, a apreensão dos vários tipos de contextos permitiu uma análise pautada em estágios de desenvolvimento, com o alcance de alguma compreensão acerca das motivações da mudança, da trajetória unidirecional de subjetivização do significado e da gradualidade na constituição dos novos padrões funcionais de *enquanto (que)*. Respondendo à questão (1), formulada na Seção 3, sobre a relação entre os contextos e os significados fonte e alvo, a diacronia de *enquanto (que)*, esboçada a partir dos dados históricos do português, sugere que, entre os séculos XIV e XV, houve um enriquecimento pragmático, pelo qual as construções de simultaneidade temporal passaram a veicular também algum tipo de *diferença*, em contextos de comparação. A acepção de diferença ganhou contornos de contraste mais tardiamente, nos séculos XIX a XXI, quando se verificou um aumento bastante considerável na frequência das ocorrências com leituras de oposição objetiva e subjetiva. Nessa linha interpretativa, a mudança de significado de *enquanto* seguiria o percurso: *simultaneidade > comparação > diferença > oposição*.

Em outras palavras, se fatos ou eventos ocorrem simultaneamente no mesmo recorte de tempo, então eles podem ser cotejados em balança, do que resulta a percepção de suas similaridades e de suas diferenças.

Se o propósito comunicativo é enfatizar as diferenças, colocando-as em primeiro plano, então podem ser instauradas relações de oposição que, quer fundadas em propriedades mais objetivas (quantitativas, dimensionais) ou mais subjetivas (avaliativas, de crenças e expectativas), dependem sempre da percepção dos falantes. A centralidade das nuances de contraste, tão fundamental para a reanálise dos sentidos, é uma decisão do falante. Os fatos da história de *enquanto* permitem reforçar a tendência, identificada por Mauri e Ramat (2012) na investigação de *mentre*, em que quanto maior a subjetividade na relação de oposição, mais opaco é o sentido de tempo. O argumento das autoras, do qual me aproximo, é cognitivo. Para elas, oposições baseadas em sentimentos contraditórios, crenças e expectativas requerem uma carga de processamento maior do que as oposições baseadas em dados objetivos. Consequentemente, haverá um esforço maior em torno da identificação do conflito do que da identificação dos EsCo como simultâneos, determinando os significados que ficam em primeiro e segundo planos.

Respondendo à questão (2), sobre o estatuto do significado contrastivo no português contemporâneo, os dados evidenciam que as polissemias de *enquanto* (*que*), ou seja, os valores temporais, os de dupla interpretação e os de contraste propriamente dito, coexistem hoje no PB, cada um com seus respectivos correlatos morfossintáticos. Os usos contrastivos de *enquanto* (*que*) ainda mostram vínculos com aportes contextuais, sobretudo com paralelismos estruturais duplos, sugerindo que a semantização ainda não se processou.

A derivação histórica de *tempo* para *contraste*, à qual subjaz um padrão de deslizamento metafórico comum em várias línguas (Kortmann, 1997), representa uma instância de mudança em direção a significados mais expressivos e subjetivos. A investigação priorizou a descrição das nuances de contraste como recurso teórico-metodológico não só para dar conta da polissemia de *enquanto*, mas também para aferir possíveis graus de subjetivização, em perspectiva diacrônica. Dos tipos contrastivos clássicos, que incluem oposição, refutação e quebra de expectativa, a análise mostrou que *enquanto* (*que*) se especializa na marcação de *oposição* (tal como *mentre*, do italiano), ao longo de um contínuo que se desdobra pelos polos de menor à maior subjetividade. As frequências das Tabelas 4 e 5 apontaram para um sensível aumento das acepções mais subjetivas na sincronia contemporânea. Portanto, em resposta à questão (3), a polissemia interna ao domínio de contraste mostrou-se relevante para mensurar a subjetivização latente às mudanças de *enquanto* (*que*).

REFERÊNCIAS

Bertocchi A, Maraldi M, Orlandini A. Quantification. In: Baldi P, Cuzzolin P, editores. *New perspectives on historical Latin syntax, volume 3: Constituent Syntax: Quantification, Numerals, Possession, Anaphora*. Berlin/New York, de Gruyter Mouton; 2010. p. 19-174.

Bybee J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: Joseph B, Janda R, editores. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell; 2003.

Câmara JM. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão; 1975.

Cristofaro S. *Subordination*. New York: Oxford University Press; 2003.

Cuenca MJ. Sobre l'evolució dels nexes conjuntius en Català. *Lengua & Literatura*. 1992;5:171-213.

Diewald G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: Wischer I, editor. *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, USA: John Benjamins; 2002. p. 103-120.

Ducrot O. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix; 1977.

González-Cruz AI. On the subjectification of adverbial clause connectives: semantic and pragmatic considerations in the development of while-clauses. In: Lenker U, Meurman-Solin A, editores. *Connectives in the history of English*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2007. p. 145-166.

Halliday MAK. *An introduction to functional Grammar*. London: Edward Arnold; 1985.

Heberlein F. Temporal clauses. In: Baldi P, Cuzzolin P, editores. *New perspectives on historical Latin syntax: Complex Sentences, Grammaticalization, Typology*. Berlin: Mouton de Gruyter; 2011. p. 235-372.

Heine B. On the role of context in grammaticalization. In: Wischer I, editor. *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company; 2002. p. 83-102.

Hopper P, Traugott EC. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press; 1993.

Kabatek J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexi*, 2005;29(2):151-177.

Kortmann B. *Adverbial Subordination. A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter; 1997.

Lakoff R. If's And's and But's about conjunction. In: Fillmore C, Langendoen D, editores. *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston; 1971. p. 114-149.

Lang E. Adversative connectors on distinct levels of discourse: A re-examination of Eve Sweetser's three-level approach. In: Couper-Kuhlen E, Kortmann B, editores. *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter; 2000. p. 235-256.

Longhin-Thomazi SR. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. [Tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp; 2003.

Longhin-Thomazi SR, Pezatti EG. As Construções coordenadas. In: Neves MHM, Ilari R, organizadores. *Gramática do português culto falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp; 2008. p. 865-932.

Maurer TH. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 1959.

Mauri C. The parallelisms of clausal coordination. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, 2008;24:145-175.

Mauri C, Ramat AG. The development of adversative connectives: stages and factors at play. *Linguistics*, 2012;2,191-239.

Meillet A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion; 1912.

Neves MHM. O coordenador interfrasal mas – invariância e variantes. *Alfa*, 1984;28:21-42.

Neves MHM. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto; 2006.

Neves MHM, Braga ML. As construções hipotáticas adverbiais. In: Neves MH, Ilari R, organizadores. *Gramática do português culto falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp; 2008. p. 937-1015.

Ramat AG, Mauri C. Dalla continuità temporale al contrasto: la grammaticalizzazione di tuttavia come connettivo avversativo. In: Ferrari A, editor. *Sintassi storica e sincronica dell'italiano. Subordinazione, coordinazione, giustapposizione*. Vol. I, Firenze, Franco Cesati; 2009. p. 449-471.

Ramat AG, Mauri C. The grammaticalization of coordinating interclausal connectives. In: Heine B, Narrog H, editores. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press; 2011.

Ramat AG, Mauri C. Gradualness and pace in grammaticalization: the case of adversative connectives. *Folia Linguística*, 2012;46(2):483-512.

Schwenter S. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: Couper-Kuhlen E, Kortmann B, editores. *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter; 2000. p. 257-281.

Schwenter S, Traugott EC. Invoking scalarity: The development of *in fact*. *Journal of Historical Pragmatics*, 2000;1:7-25.

Sweetser E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press; 1991.

Torres RC, Schwenter S. Towards an operational notion of subjectification. In: Cover RT, Kim Y, editores. *Proceedings of the 31st Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*; 2005. p. 347-358.

Traugott EC. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: Lehmann W, Malkiel Y, editores. *Perspectives on historical linguistics*. Benjamins, Amsterdam/ Philadelphia; 1982. p. 245-271.

Traugott EC. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 1989;65:31-55.

Traugott EC. Subjectification in grammaticalisation. In: Stein D, Wright S, editores. Subjectivity and subjectivisation: linguistic perspectives. Cambridge: Cambridge University Press; 1995. p. 31-54.

Traugott EC, Dasher R. Regularity in semantic change. Cambridge: Cambridge University Press; 2002.

Visconti J. From temporal to conditional: Italian ‘qualora’ vs English ‘whenever’. In: Jaszczolt KM, Turner K, editores. Meaning through language contrast. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2003. p. 23-50.

Visconti J. Conditionals and subjectification: implications for a theory of semantic change. In: Fischer O, editor. Up and down the cline: the nature of grammaticalization. Philadelphia/PA/USA: John Benjamins Publishing Company; 2004. p. 169-192.

ANEXO

Relação completa dos textos que compõem o *corpus* com as respectivas siglas de referência:

Século XIII e XIV: Notícia de Torto (13NT); Testamento de Afonso II (13TA); Foro Real de Afonso X (13FR); Dos Costumes de Santarém (13DCS); Tempo dos Preitos (13TP); Textos Notariais (13TN); Documentos Notariais (13DN); Chancelaria D. Afonso III (13CA); Cantigas de Amor (13CAM); Cantigas de Escárnio de Maldizer (13CEM); Cantigas de Amigo (13CO); Cantigas de Santa Maria (13CSM); Flos Sanctorum (14FS); Arte de Trovar (14AT); Crónica Geral de Espanha (14CGE); Primeira Partida (14PP); Narrativas de Linhagens (14NL); Livro de Montaria (14LM); Foros de Garvão (14FG); Crónica Afonso X (14CA); Vida de Santos (14VS); Bíblia medieval portuguesa (14BMP); Demanda do Santo Graal (14DSG); Flos Sanctorum (14FLOS).

Século XV: A Carta de Pero Vaz de Caminha (15CC); Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela (15EBC); Orto do Esposo (15OE); Livro das três virtudes (15LTV); Crónica do Conde D. Pedro de Meneses (15CCP); Vida de Santa Maria Egípcia (15SME); Tratado de Confissom (15TC); Penitencial de Martim Perez (15PMP); Crónica de D. Pedro I (15CDP); Crónica dos Feitos de Guiné (15CFG); Leal Conselheiro (15LC); Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram (15LO); Gramática de João de Barros (15GJB); Crônica del-Rei D. Afonso Henriques (15CDA); Teatro de Francisco Sá de Miranda (15TSM); Crônica del-Rei d. Diniz, de R. de Pina (15CDD); Teatro de Gil Vicente (15TGV); Vida de São Teotônio (15VST); Sacramental (15S); Crónica de D. João (15CDJ).

Século XVI: Poesia e Pintura de Manuel de Almeida (16PP); Monarchia Lusitana (16ML); Da Monarchia Lusitana (16DML); Décadas (16D); Cartas de D. João III (16C); Discursos vários políticos (16DP); Gazeta de M. Galhegos (16GZ); História da Província de Santa Cruz (16HP); Da pintura antiga (16PA); Corte na aldeia e noites de inverno (16CAN); Perigração (16P); A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (16VFB); Colóquio dos Simples Drogas e cousas medicinais da Índia (16CSD); Carta dos Primeiros Jesuítas (16CPJ); Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado (16MNS); Teatro de Antonio Ribeiro Chiado (16TC); Teatro de Antonio Ferreira (16TAF).

Século XVII: Trattados das festas, e vidas dos santos (17TF); Relaçam diaria do sitio, e tomada da forte praça do Recife... (17RDS); Trattado das tregos e suspensao do todo o acto de hostilidade e bem assi de navegaçao, commercio [...] (17TT); Chronica delrey D. Ioam I (17CDJ); Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portygal (17CCI); Vida do venerável padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesv, Thavmatvrgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil (17VVP); Dialogos de varia historia em que se referem as vidas dos senhores Reyes de Portugal (17DVH); Nova Lusitania, historia da guerra Brasilica (17NL); Maria Rosa Mystica (17MRM); Cartas do Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus (17CPV); Catecismo da doutrina Christaa Na lingua Brasilica da Nação Kariri (17CDC); Voz sagrada, politica, rhetorica, e metrica ou Supplemento às Vozes Saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, a eminente sabedoria do padre Antonio Vieira [...] (17VS).

Século XVIII: Dizertação a respeito da Capitania de São Paulo e sua decadência de 1781 (18DC); Dizertação sobre as Capitancias de Santo Amaro e São Vicente de 1780 (18CSA); A vingança da cigana: drama jocoserio de hum só acto para se representar no Real Theatro e S. Carlos (18AVC); Descrição da grandiosa quinta dos Senhores de Bellas, e noticia do seu melhoramento (18DDG); O Fazendeiro do Brazil - Bebidas alimentosas (18OFB); Historia dos principaes lazaretos d'Europa, acompanhada de diferentes memorias sobre a peste[...] (18HPL); Systema, ou collecção dos regimentos reaes, contém os regimentos pertencentes à administração da Fazenda Real (18SCR); Caminhando mato dentro: documentos do ouro do século XVIII (18CMD); Reflexões sobre a vaidade dos homens, ou discursos moraes sobre os effeitos da vaidade (18RVH); Supplemento ao Vocabulario Portuguez e latino (18SVP); Breve Compendio e Narraçam do funebre espectáculo, que na insigne Cidade da Bahia [...] (18BC); Cultura e opulência do Brasil por suas Drogas e Minas (18COB); Helminthologia portuguesa (18HP).

Século XIX: Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX (19CCB); Correspondência passiva de Washington Luiz (19CWL); Sangue limpo (19SL); Romances e novelas (19REN); Três discursos do Illmo. e Exmo. Sr. Paulino José Soares de Souza, ministro dos negócios estrangeiros (19TD); Historia e descripção da febre

amarella epidemica: que grassou no Rio de Janeiro em 1850 (19HDF); Tratado descriptivo do Brazil em 1587 (19TDB); O Instituto dos Meninos Cegos de Paris: sua historia, e seu methodo de ensino (19IMC); Physiologia das paixões e afecções (19FPA); Systema de materia medica vegetal brasileira (19SMM); Luxo e vaidade: comedia em 5 actos (19LV); Breves considerações sobre a historia e cultura do cafeeiro e consumo de seu produto (19BCH); Os voluntarios da patria: drama em 3 actos (19OVP); Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias (19DPO); Notícias para a História e Geografia das nações ultramarinas (19NHG).

Século XX/XXI: Brasil marcial: synthese histórica (20BM); Almanak Historico-Litterario do Estado de S. Paulo (20AHL); O cozinheiro dos cozinheiros (20CDC); Dialogos das novas grandezas do Brazil (20DNG); Revista de Linguística Diadorim (20RLD); O Governador das Esmeraldas: peça nacional histórica em tres actos (20OEG); A sciencia no lar moderno (20CLM); Obras completas (teatro) (20OC); Historia dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil [...] (20HDF); O café na história, no folclore e nas belas-arts (20CHF); Compêndio narrativo do peregrino da América (20CNP); Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (20RFD); Feliz ano velho: roteiro cinematográfico (20FAV).

Recebido em: 04/04/2016

Aceito em: 14/08/2016
